

Banco ABC Brasil | Relações com Investidores
Transcrição da divulgação de resultados do 1T18
07 de maio de 2018

[Sérgio Ricardo Borejo – Vice-Presidente Executivo]

Bom dia a todos e obrigado por participarem de nossa teleconferência de resultados do primeiro trimestre de 2018.

No slide 2 os principais destaques. O Lucro Líquido recorrente foi de 108,5 milhões de reais no primeiro trimestre de 2018, apresentando redução de 1,9% em relação ao trimestre anterior e de 2,4% em relação ao mesmo período de 2017. O Retorno anualizado recorrente sobre o Patrimônio Líquido foi de 13% no trimestre.

A Carteira de Crédito Expandida encerrou março de 2018 com saldo de 24,9 bilhões de reais, apresentando crescimento de 1,3% no trimestre e de 8,4% em 12 meses. A qualidade da carteira voltou a melhorar, com 95,3% das operações de empréstimos e 98,8% das operações de garantias prestadas classificadas entre AA e C, de acordo com a Resolução 2.682 do Banco Central. Considerando as duas carteiras, o percentual é de 97,0%.

No slide 3 apresentamos a evolução da carteira de crédito. Considerando a carteira de crédito expandida, apresentamos um crescimento de 1,3% no trimestre e de 8,4% em 12 meses. No segmento Large Corporate, a carteira expandida retraiu 0,2% no trimestre e cresceu 4,2% em 12 meses, passando a representar 82% da carteira. Destacamos o desempenho do segmento Corporate, cuja carteira expandida cresceu 8,8% no trimestre e 32% em 12 meses, passando a representar 18% da carteira.

No slide 4 alguns destaques de cada segmento. No segmento Large Corporate, terminamos março com 774 clientes, dos quais 503 possuíam exposição de crédito, resultando numa exposição média de 36 milhões de reais por cliente. A carteira Large Corporate terminou o trimestre com um prazo médio de 376 dias.

No segmento Corporate, encerramos março com 1.131 clientes. Desses clientes, 873 possuíam exposição de crédito, o que resultou numa exposição média de 5,1 milhões de reais por cliente. A carteira Corporate terminou o trimestre com prazo médio de 308 dias.

Apresentamos também no slide a distribuição geográfica das carteiras, sem variações significativas.

No slide 05, no primeiro gráfico, apresentamos as operações com atraso acima de 90 dias. Esse indicador representou 0,7% da carteira de crédito ao final de março de 2018, apresentando melhora por mais um trimestre seguido, com destaque para a queda no segmento Large Corporate, que caiu de 1,4% em dezembro de 2017 para 0,7%.

No segundo gráfico, o saldo de PDD. Encerramos março de 2018 com saldo de PDD de 2,8% da carteira de empréstimos, refletindo a melhora da qualidade de nossa carteira de empréstimos.

No terceiro gráfico, as despesas de PDD. Após três anos de custo de crédito mais elevado, refletindo o período recessivo pelo qual passamos, as despesas de PDD voltaram a apresentar relevante melhora no primeiro trimestre de 2018, atingindo 22,5 milhões, o que representa 0,7% da carteira de empréstimos, calculado de forma anualizada.

No quarto gráfico a evolução dos empréstimos de rating D e E-H. Os empréstimos classificados em D caíram para 2,5% da carteira, e o saldo entre E e H diminuiu para 2,2%, apresentando melhora nos dois indicadores.

No slide 6, a evolução de nossa captação. O gráfico apresenta a abertura da Captação por perfil de investidor. O banco permanece com uma carteira diversificada, com acesso aos mercados local e externo em condições competitivas e com prazos confortáveis em relação ao perfil de seus ativos.

Ao final de março de 2018, o saldo da captação totalizava 24,8 bilhões de reais, apresentando redução de 0,4% no trimestre e crescimento de 4,5% em 12 meses.

A liquidez permanece elevada e com precificação adequada. O funding de qualidade continua sendo um dos pilares do nosso negócio.

Não há descasamento entre ativos e passivos, com o gap de liquidez permanecendo positivo em todos os períodos futuros.

No slide 7 a evolução de nosso Patrimônio e do Índice de Basileia. Terminamos o primeiro trimestre de 2018 com patrimônio de referência de 3,9 bilhões de reais, e patrimônio líquido de 3,4 bilhões de reais.

Em março de 2018 nosso Índice de Basileia era de 16,1%, sendo 13,8% de capital de nível 1 e 2,3% de capital de nível 2. Destacamos que 100% do nosso capital está de acordo com as regras de Basileia 3.

No slide 8, apresentamos a evolução da margem financeira. A margem financeira gerencial atingiu 233 milhões de reais no primeiro trimestre de 2018, apresentando queda de 15,6% em relação ao trimestre anterior e de 12,2% em relação ao mesmo período de 2017.

A taxa anualizada da margem financeira gerencial (NIM) foi de 3,7% a.a. no primeiro trimestre de 2018, apresentando redução de 0,7 ponto percentual em relação ao trimestre anterior e de 0,5 ponto percentual em relação ao mesmo período de 2017.

O comportamento da margem financeira gerencial e da NIM são explicados pelas seguintes razões:

A linha de Patrimônio Líquido Remunerado a CDI apresentou redução 13,3% no comparativo com o trimestre anterior, e de 50,4% no comparativo anual, refletindo a queda da taxa SELIC;

A margem financeira com clientes apresentou redução de 8,9% em relação ao trimestre anterior e crescimento de 2,6% em relação ao mesmo período de 2017. Se excluirmos os efeitos da recuperação de ativos na margem financeira com clientes, ela cai 4,2% em relação ao trimestre anterior e cresce 0,6% em relação ao mesmo período do ano anterior. Essa queda no trimestre se dá basicamente pelo menor número de dias no primeiro trimestre de 2018;

A margem financeira com o mercado apresentou redução trimestral de 31,3%, explicada pelo forte resultado dessa linha no trimestre anterior. No comparativo com o mesmo período de 2017, houve crescimento de 11,7%.

A despesa de PDD foi de 22,5 milhões de reais no primeiro trimestre de 2018, queda de 55,8% em relação ao trimestre anterior e de 61,2% em relação ao mesmo período de 2017. Esse montante equivale a 0,7% da carteira de empréstimos, de forma anualizada, apresentando melhora significativa após três anos de custo de crédito mais elevado, durante o período recessivo pelo qual passamos.

No slide 09, apresentamos as receitas de prestações de serviços, que atingiram 77,6 milhões de reais no primeiro trimestre de 2018, apresentando queda de 7,3% em relação ao trimestre anterior e crescimento de 1,7% em relação ao mesmo período de 2017.

A receita com garantias prestadas apresentou crescimento de 4,3% em relação trimestre anterior e de 1,5% em relação ao mesmo período do ano passado.

Os fees de mercado de capitais e M&A apresentaram redução de 35,1% em relação ao trimestre anterior, devido o forte resultado dessa linha no quarto trimestre de 2017, que foi o melhor resultado histórico do banco. A volatilidade de resultado nessa linha é normal, devido à dinâmica da atividade de fusões e aquisições. No comparativo com o mesmo período de 2017, a queda de receita nessa linha foi de 14%.

As receitas de tarifas apresentaram redução 10,2% no trimestre, devido a efeitos sazonais, e crescimento de 39,7% em relação ao primeiro trimestre de 2017.

No slide 10, a variação das despesas e do nosso índice de eficiência. As despesas de pessoal e outras despesas administrativas juntas atingiram 73,8 milhões no primeiro trimestre de 2018, apresentando redução de 4,6% em relação ao trimestre anterior e crescimento de 7,1% em relação ao mesmo período de 2017.

O Índice de Eficiência foi de 36,4% no primeiro trimestre de 2018, 3,3 pontos percentuais acima do índice registrado no trimestre anterior, e 6,5 pontos percentuais acima do índice observado no primeiro trimestre de 2017.

O aumento desse índice é explicado mais pela redução da receita, impactada pela redução da Selic, do que efetivamente pelo aumento das despesas.

No slide 11, a rentabilidade. O Lucro Líquido recorrente foi de 108,5 milhões de reais no primeiro trimestre de 2018, apresentando redução de 1,9% em relação ao trimestre anterior e de 2,4% em relação ao mesmo período de 2017.

O Retorno sobre o Patrimônio Líquido recorrente atingiu 13,0% a.a. no primeiro trimestre de 2018, apresentando redução de 0,6 ponto percentual em relação ao trimestre anterior e de 2,1 pontos percentuais em relação primeiro trimestre de 2017.

No gráfico inferior apresentamos a comparação da evolução do nosso ROE com o CDI, onde observamos o impacto da queda da SELIC, e consequentemente do CDI, na rentabilidade do banco, mas também podemos observar que a redução do ROE do banco é proporcionalmente inferior à queda do CDI, resultando no aumento do gap entre esses dois indicadores ao longo do tempo, atingindo 6,3% no primeiro trimestre de 2018.

As projeções para o ano de 2018, de crescimento da carteira expandida entre 9% e 13%, e de crescimento das despesas entre 4% e 6%, estão mantidas.

Estes são os dados que gostaríamos de apresentar. Nos colocamos agora à disposição para responder eventuais dúvidas que os participantes desta teleconferência possam ter. Muito obrigado!

ÍNICIO DA SESSÃO DE PERGUNTAS E RESPOSTAS

Nossa primeira/próxima pergunta vem do Sr. Thiago Kapulskis, do BTG Pactual.

[Thiago Kapulskis – BTG Pactual]

Bom dia Borejo e bom dia pessoal, obrigado pela oportunidade de perguntar. Eu tenho duas perguntas aqui do meu lado. A primeira pergunta é com relação a provisão. A provisão realmente teve uma melhora significativa e já não é o primeiro trimestre que a gente vê essa melhora, mas dessa vez essa melhora foi um pouco melhor do que a gente imaginava. Eu queria entender como vocês estão vendo a provisão olhando para frente. Acho que já dá para ter uma certeza de que o cenário, a direção é positiva, mas eu queria entender um pouco da intensidade. Como vocês estão olhando para os próximos trimestres? Essa é a primeira pergunta.

E a segunda pergunta, é em relação à rentabilidade. A rentabilidade caiu um pouquinho para a casa dos 13% com esse impacto maior da Selic, que certamente não está ajudando. Minha pergunta é como vocês olham a rentabilidade para frente e também se vocês acham que o crescimento de carteira pode compensar a queda da Selic nas margens? Acho que é isso. Obrigado.

[Sérgio Ricardo Borejo – Vice-Presidente Executivo]

Thiago, bom dia e obrigado pelas suas perguntas. Bom, referente a primeira pergunta, o custo de crédito, embora a gente não dê *guidance* para esse indicador, a gente está 'positivo' com relação ao comportamento desse indicador para os próximos trimestres.

Quanto à segunda pergunta, referente à rentabilidade, a ideia é que a gente consiga aumentar a rentabilidade do Banco nos trimestres futuros através do aumento da carteira e aumento da receita com prestação de serviço. Aumentando assim a receita com clientes como um todo. A gente tem capital para suportar esse crescimento, tem estrutura para suportar esse crescimento, temos caixa para suportar esse crescimento, então a ideia é que a rentabilidade, essa queda do CDI venha a ser compensado pelo aumento dessas receitas.

[Thiago Kapulskis – BTG Pactual]

Perfeito Borejo. Obrigado pelas respostas.

[Yuri Fernandes – JP Morgan]

Obrigado pessoal. Eu queria voltar na pergunta do Thiago, sobre provisão, só para entender um pouquinho mais, porque de fato foi um *highlight* muito positivo do trimestre e até olhando o *new formation*, vocês provisionaram muito próximo do NPL *formation*, então foi de fato uma melhora da qualidade. Mas pensando para frente, 0,7% de custo de crédito, custo de risco, parece muito baixo. Ou não? O que vocês estão enxergando nessa linha? Eu sei que vocês não têm um *guidance*, mas será que esse primeiro trimestre deveria ser um nível recorrente ou talvez a gente devesse trabalhar com uma queda de provisão um pouco mais gradual? Alguma coisa entre o quarto trimestre o primeiro trimestre? Só para entender um pouco melhor o que vocês estão vendo. Se de fato essa melhora da economia já deveria fazer com que custo de risco rodasse abaixo de 1%?

E minha segunda pergunta vem do NII de *Equity* de vocês. Eu entendo que teve uma queda muito grande da Selic, algo na ordem de 50% que é muito em linha com o resultado de vocês, mas vocês tiveram o aumento do patrimônio líquido de algo em torno de 13%. E isso dado, não deveria ter sido um pouco melhor o resultado dessa linha? Por que o Banco tem sido um pouco mais sensível do que a Selic nisso, dado que o volume médio do patrimônio líquido de vocês aumentou no período? Obrigado.

[Sérgio Ricardo Borejo – Vice-Presidente Executivo]

Obrigado pelas perguntas. Referente ao custo de crédito, Yuri, como você mesmo disse é difícil a gente dar se ele vai ser 0,7%, 0,8% ou 1%, a gente não tem como prever esse comportamento. Agora, todos os indicadores que a gente tem visto de crédito, NPL *formation*, o comportamento da carteira D e E-H, eles indicam melhora. E o 0,7% por outro lado está em linha com o comportamento que a despesa de PDD tinha; está muito parecido com o que nós tínhamos antes do período recessivo. Então fica difícil te passar um número com o que trabalhar, a gente imagina que essa diferença não seja uma coisa pontual. Esperamos que ele continue se comportando dessa forma. Mas é difícil e a gente não tem como prever isso no futuro.

A segunda pergunta, referente a Selic, ela é uma conta bastante simples. Nosso patrimônio líquido médio é algo em torno de 3,3%, a Selic caiu algo em torno de 7,5% - 8% do primeiro trimestre do ano passado para cá, se a gente aplicar essa diferença em cima do patrimônio, você vai chegar em um número muito próximo desse R\$ 50 milhões. Se você fizer essa conta e se precisar entrar em contato conosco, a gente mostra para você. Mas está bem em linha com a queda da Selic. Até porque nessa linha o que praticamente vai é isso. Não tem outro componente.

[Yuri Fernandes – JP Morgan]

Perfeito, muito obrigado. Super claro.

[Gustavo Schroden – Bank of America]

Bom dia pessoal e obrigado pela oportunidade. Eu queria fazer na verdade um *follow up* em uma questão. Na verdade, em uma resposta do Borejo. O Borejo mencionou que a melhora no ROE vai vir de um

aumento de carteira e de uma expansão, de uma melhora, na linha de '*fee income*', de receita de serviços. Nesse trimestre, eu acho que o número, o crescimento na linha de receita com serviços ficou um pouco aquém. Principalmente se a gente levar em consideração que as Garantias Prestadas cresceram 10% ano contra ano em termos de volume, mas o resultado delas na linha de prestação de serviços cresceu só 1,5%. Eu tenho duas perguntas em cima disso.

Primeiro é, quanto vocês esperam que a receita de prestação de serviços deve crescer ao longo do ano, ao longo dos próximos trimestres, para ajudar o ROE? Essa é a primeira pergunta.

E a segunda, ainda nessa linha é, teve uma queda de spread na linha de Garantias? Porque se carteira de Garantias cresceu próximo de 10% ano contra ano e a receita de prestação de serviços vinda de Garantias cresceu só 1,5%, então me indica aqui que teve uma queda de spread. Eu queria só entender se foi isso mesmo, se foi uma rentabilidade um pouco mais baixa, para gente entender essa linha. Obrigado.

[Sérgio Ricardo Borejo – Vice-Presidente Executivo]

Oi Gustavo, obrigado pelas suas perguntas. Vou começar respondendo pela segunda, Gustavo. Sobre a, referente a queda de spread nas Garantias. A resposta é sim, teve uma pequena queda nos spreads. Na verdade, se você fizer uma conta, simplesmente pegar a carteira, a receita e dividir pela carteira média, vai ver que o spread era algo em torno de 2,2%, o spread médio da carteira. E agora ele deve estar em torno de 2,05% ou 2,1%. Então, sim, teve uma pequena queda, mas nada que a gente não esperasse. A gente achava que estava um pouco alto, era o pico dos spreads que a gente tinha observado nas séries históricas, que a gente estava praticando.

E a segunda pergunta, referente a receita de serviços como um todo, o que a gente espera é que, principalmente, a parte de Fees com Banco de Investimento, que venha a aumentar. A gente já deu R\$ 20 milhões no último trimestre 2014, que foi um trimestre bastante bom, desculpa, de 2017, perdão. E também no primeiro trimestre de 2017, as receitas referentes a esse produto, Banco de Investimento, também foram melhores, e o mercado está favorecendo esse tipo de produto. Mas o Banco tem uma estrutura para atender os clientes nesse produto, e a gente está com uma expectativa de que essas receitas também voltem a crescer e contribuir com o aumento da rentabilidade do Banco.

[Gustavo Schroden - BofAML]

Está bom, Borejo. Ficou bem claro a questão dos spreads. Eu gostaria de fazer um *follow up* aqui, porque, na verdade, eu estou tentando entender como é que a gente vai olhar daqui para frente. Você falou que os spreads caíram para mais ou menos 2,05% vindo de 2,2%, mas eu entendo que, vamos dizer assim, as Garantias Prestadas têm desempenhado um papel importante no crescimento da carteira expandida, acho que fica claro que enquanto que a economia ainda não está 100% aquecida, fica difícil originar empréstimos em uma velocidade maior, então uma saída do Banco pode ser via Garantias Prestadas que costuma ter um retorno bom. Ficou clara a queda do spread, mas como a gente deve olhar daqui para frente? Porque para mim foi uma diferença grande. Garantias Prestadas cresceu bem, acho que 10% é um número razoável, é um número bom de crescimento de Garantias, mas não se traduziu em receitas. Eu estou tentando entender como a gente vai olhar daqui para frente. Porque enquanto os empréstimos não voltaram, as garantias serão importantes, mas se isso não se traduzir em receita, pode ter uma limitação na expansão inclusive do ROE olhando para frente. Se você puder elaborar um pouco eu agradeço.

[Anis Chacur – Presidente Executivo]

Gustavo, aqui é o Anis. Tudo bem? Respondendo sua questão, o que ocorre. Nós estamos passando uma fase de transição, então a gente enxerga que essa crise que o país viveu, principalmente naquilo que se refletiu no custo do crédito, o ano de 2018 claramente está demonstrando uma mudança de patamar. Isso é o que estamos sentindo em relação a nossa carteira de crédito e imaginamos, como o Borejo colocou, que a tendência do nível do custo da carteira de crédito daqui para frente mude de patamar apesar do fato de nós não darmos *guidance* nesse sentido. Isso é um aspecto.

O outro aspecto é a questão do crescimento da carteira e os spreads, e os *fees*, que vão compor a receita para se atingir patamares de rentabilidade mais interessante que compense esse feito da taxa Selic. Um

trimestre para o outro é muito curto para você estabelecer uma tendência. Agora, tem alguns aspectos que foram colocados, que eu acho que vale a pena ter em mente.

Em primeiro lugar, a questão dos *Fees* de Banco de Investimentos. Existe uma situação de trimestre a trimestre em função de mandatos e negócios concluídos. Então claramente o último trimestre de 2017 foi um trimestre muito forte, muito bom, principalmente para o M&A. Nesse primeiro trimestre de 2018, Mercado de Capitais continuou bom mas M&A ficou fraco. Não quer dizer que os negócios de M&A diminuíram, não, quer dizer que os negócios de M&A não foram concluídos. Mas nós estamos otimistas que não só Mercado de Capitais, mas M&A, deverá ser muito bom em termos de geração de resultados. Esse é um aspecto.

Na carteira de empréstimos, claramente o segmento menor, que é o segmento Corporate, nós trabalhamos até R\$ 800 milhões de faturamento, esse demonstrou uma reação muito boa, não só em termos de crescimento de carteira, como em manutenção de spreads e uma PDD controlada. Nesse segmento o otimismo é forte. A parte de empréstimos nas Grandes Empresas, o Large, esse ficou um pouco prejudicado porque você teve a concorrência do Mercado de Capitais, que passou a ser mais receptivo com relação a esses nomes. Mas achamos que no tempo, nós vamos acabar encontrando um caminho para suprir quer que seja se o Mercado de Capitais não continuar atendendo fortemente como o fez ou se continuar atendendo tão fortemente como fez, nós temos a condição de direcionar a carteira de empréstimos para clientes menores, que é uma das características do nosso modelo de negócios, poder estar em um segmento maior até um segmento médio ou um pouco menor dependendo do ambiente que estamos vivendo.

E a questão da parte de Garantias, a Garantia cresceu bem esse trimestre, como você verificou, o spread caiu um pouco, nós encaramos como um produto defensivo, principalmente em época de crise como foi durante os anos de 2015, 2016 e 2017. Foi muito resiliente em termos de receita mas com uma PDD muito controlada e agora está passando por uma fase de pequeno ajuste de spread, nada muito significativo, ainda um bom spread dada a qualidade da carteira, e o crescimento dela em termos relativos talvez no tempo não seja tão agressivo.

Se a economia como um todo melhorar e as condições das empresas ficar da forma como nós estamos imaginando, a gente espera que os empréstimos até cresçam um pouco mais. Só que em um trimestre isolado é difícil você estabelecer uma tendência principalmente nessa transição de 2017 final de ano e começo de 2018.

Agora, a mensagem como um todo, é de otimismo. Porque primeiro você está em um ambiente onde a qualidade do crédito melhorou. Está passando uma fase em que aquela preocupação de um legado que ainda precisaria passar por um processo de [...] já não existe mais. Ou seja, os grandes problemas, as grandes empresas, Lava-Jato, e coisas do gênero, já foram bem identificados, mapeados e praticamente provisionado. Isso é muito positivo.

Outro aspecto agora é o crescimento econômico, e consequentemente o crescimento da carteira de crédito. O *guidance* que nós demos, estamos confiantes que ele será atingido. É bem possível que ele seja atingido dado aquilo que estamos sentindo à nível de receptividade dos clientes e crescimento da capacidade instalada desses clientes, consumo da capacidade ociosa existente e também existe a sazonalidade. Geralmente o primeiro trimestre é um trimestre mais fraco de crescimento do que o último trimestre do ano. Nos últimos dois anos a gente tem visto essa tendência. Então no geral, como o Borejo colocou, dada a estrutura que nós temos, dada a condição do capital regulatório disponível, dada a nossa boa condição de liquidez, e dado os limites de créditos existentes e o conhecimento que nós temos desse mercado corporativo, estamos otimistas. *Guidance* que nós temos para divulgar é o *guidance* de crescimento de carteira como está aí e, depois, de evolução das despesas. Spread, não damos *guidance* de spread, mas temos sentido uma condição de manutenção com ligeira queda para alguns segmentos ou produtos. Mas ainda assim é um spread bem remunerado principalmente se você levar em conta que a despesa de PDD diminuiu. E na parte dos *Fees*, Banco de Investimentos e Serviços, muito daquilo que já colocou. Ou seja, Banco de Investimento muito animado porque a nossa equipe está bem montada, boa qualidade de mandatos, M&A teve uma oscilação negativa nesse primeiro trimestre, mas mais por uma questão de baixa liquidação de negócios, mas o pipeline é bom. Mercado de Capitais claramente substituiu parte do crescimento da carteira de empréstimos de Grandes Empresas, e isso refletiu também

nos *Fees* dos nossos negócios e a parte de Garantias é aquilo que nós colocamos. É um produto que fica maior em uma época mais crítica como foram os três anos de crise que passou o país, ainda estamos operando ele, mas no tempo, se a economia evoluir como a gente imagina que ela possa evoluir é mais provável que os empréstimos subam mais que as garantias. Mas no geral, o sentimento existente aqui no Banco é de otimismo.

[Gustavo Schroden - BofAML]

Está ótimo, Anis. Muito obrigado pelo overview que você dividiu conosco.

[FIM]